

Reflexões sobre a linguagem do ambiente *chat* no teletandem sob a perspectiva da natureza heterogênea da escrita

Suzi Marques Spatti Cavalari*

Resumo

O objetivo deste trabalho é discutir as características da linguagem mediada pelo computador em um ambiente de ensino e aprendizagem de língua estrangeira viabilizado pelo uso de recursos de comunicação síncrona na modalidade escrita – *chat*. O presente estudo se fundamenta em (i) princípios teóricos sobre o uso de tecnologias e o ensino/aprendizagem de línguas estrangeiras no escopo do *Projeto Teletandem Brasil: línguas estrangeiras para todos* (TELLES, 2005); (ii) estudos sobre as características da linguagem em interações via *chat*; (iii) diferentes perspectivas teóricas a respeito das relações entre o oral e o escrito, enfatizando a perspectiva da heterogeneidade constitutiva da escrita (CORRÊA, 1997, 1998, 2001); e (iv) em alguns conceitos pertinentes à área da Fonologia Prosódica (NESPOR; VOGEL, 1986). Toma-se como material de análise a produção escrita de uma universitária brasileira (formanda em Licenciatura em Letras) que interage com um universitário estadunidense (cursando Estudos Religiosos) via *Windows Live Messenger*. Os dados foram coletados em um período de 5 meses, durante os quais os participantes interagiram via *chat*, totalizando 12 interações em inglês e em português. Na análise, enfocam-se as interações em língua portuguesa, particularmente a fragmentação das mensagens, o uso (ou não) de sinais de pontuação e de abreviaturas na produção da participante brasileira, a fim de se discutirem as representações que ela constrói sobre a (sua) escrita, sobre seu interlocutor, sobre si mesma e sobre o processo de ensino/aprendizagem de língua estrangeira.

Palavras-chave: Língua escrita. Heterogeneidade. *Chat*. Teletandem.

Introdução

Partindo do pressuposto de que a comunicação e a linguagem mediadas pelo computador possuem características que não se explicam pelas descrições

* UNESP – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Departamento de Letras Modernas, São José do Rio Preto, SP, Brasil.

tradicionais em termos de fala vs. escrita (CRYSTAL, 2001, 2005; MARCUSCHI, 2004), este estudo¹ apresenta e discute dados coletados no ambiente teletandem de ensino e aprendizagem de línguas, que prevê a utilização de ferramentas tecnológicas que permitem a comunicação via internet. De maneira mais específica, o presente trabalho descreve a produção escrita em português de uma brasileira que interage com um estadunidense via *Windows Live Messenger* no escopo do *Projeto Teletandem Brasil: línguas estrangeiras para todos*² (TELLES, 2005) a fim de evidenciar, nesses dados, indícios da convivência do oral/falado e do letrado/escrito.

Espera-se, com isso, corroborar os resultados obtidos por outros trabalhos desenvolvidos nas áreas que investigam (i) as relações entre oralidade e escrita (MARCUSCHI, 1986; HILGERT, 2001; CORRÊA, 1997, 1998, 2001), (ii) as características do chamado “discurso eletrônico” (MARCUSCHI, 2004; CRYSTAL, 2001, 2005; KOMESU, 2006) e (iii) os ambientes digitais de ensino e aprendizagem de línguas (SOUZA, 2000, 2003; COLLINS; FERREIRA, 2004; TELLES; VASSALLO, 2006; VASSALLO; TELLES, 2006; ARAÚJO, 2007). A fim de se atingirem os objetivos propostos, o trabalho se inicia por uma discussão teórica sobre (i) os princípios norteadores do ensino/aprendizagem no ambiente teletandem, (ii) as características da interação e do tipo de linguagem observada na internet, mais especificamente no ambiente *chat*, (iii) as relações entre a fala e a escrita e (iv) alguns conceitos da Fonologia Prosódica, particularmente a caracterização das frases entoacionais no português brasileiro. Ao final, apresenta-se uma análise de dados coletados no ambiente teletandem que relaciona a fragmentação das mensagens observadas na comunicação via *chat* à constituição de frases entoacionais, segundo a definição de Nespor e Vogel (1986), a fim de se discutirem as representações que uma universitária brasileira constrói sobre a (sua) escrita, sobre seu interlocutor, sobre si mesma e sobre o processo de ensino/aprendizagem de língua estrangeira.

O ambiente teletandem

O ambiente teletandem (doravante TTD) se caracteriza pelo trabalho entre dois falantes de línguas diferentes que desejam aprender a língua um do outro por meio

1 - Uma primeira versão deste trabalho foi submetida ao parecer de especialistas com o propósito de se integralizarem os créditos exigidos pelo Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos da UNESP –Rio Preto para o Exame de Qualificação Especial de área. Agradeço, assim, aos membros da comissão avaliadora, Profa. Dra. Luciani E. Tenani (UNESP), Prof. Dr. Manoel L. G. Corrêa (USP) e Profa. Dra. Gisela Collischonn (UFRS) por suas valiosas contribuições. Agradeço, ainda, à Profa. Dra. Fabiana C. Komesu (UNESP), cujas observações sobre o trabalho também merecem crédito.

2 - Projeto Temático apoiado pela FAPESP entre 2006 e 2010 (processo 2006/03204-2). Cf. Telles (2005) para uma descrição detalhada do projeto, disponível em: <www.teletandembrasil.org>.

de interações regulares via internet (utilizando aplicativos como *Windows Live Messenger*, *Skype* ou *Oovo*). Essa proposta de ensino/aprendizagem de línguas surgiu a partir da iniciativa de pesquisadores da UNESP (Assis e São José do Rio Preto), que criaram o projeto *Teletandem Brasil: Línguas estrangeiras para todos* (TELLES, 2005). O projeto prevê a formação de parcerias entre a UNESP e os departamentos de língua portuguesa de universidades em outros países a fim de que alunos da UNESP interessados em aprender uma língua estrangeira (doravante LE) possam entrar em contato (via internet) com alunos dessas universidades que desejam aprender português como LE. O projeto prevê, também, o desenvolvimento de pesquisas (em nível de graduação e pós) sobre essa modalidade de ensino/aprendizagem de línguas.

Os alunos interessados em encontrar um parceiro de TTD podem fazê-lo por meio dos sítios de suas unidades universitárias, nos quais existe um *link* que oferece informações sobre o ambiente teletandem e um formulário eletrônico que deve ser preenchido para se efetuar o cadastro. Os dados desse cadastro (nome, curso, horários disponíveis para prática de TTD) são recebidos pelos coordenadores do Laboratório de Teletandem de cada *campus*, que estabelecem as parcerias entre os alunos brasileiros e os estrangeiros, enviando mensagens de *e-mail* para cada aluno da dupla. Além dos dados de contato do parceiro, o *e-mail* contém algumas orientações gerais propostas pelo grupo de pesquisa para a prática de TTD. Uma dessas orientações é sobre a importância de se organizarem as interações de forma a haver um equilíbrio entre as línguas utilizadas, ou seja, deve-se interagir, em língua estrangeira, na mesma proporção que em língua materna. Sugere-se, ainda, que os participantes estabeleçam as próprias metas de aprendizagem para que possam negociar suas prioridades e preferências com os parceiros, que, por sua vez, terão outras prioridades e preferências a serem atendidas. Essas orientações refletem os princípios teóricos norteadores do processo de ensino/aprendizagem em TTD, a saber: (i) separação das línguas; (ii) autonomia e (iii) reciprocidade (TELLES, 2005; TELLES; VASSALLO, 2006). A articulação de tais princípios caracteriza o processo de ensino/aprendizagem de LE no TTD, por implicar que (i) cada participante se responsabilize pela própria aprendizagem e, ao mesmo tempo, pelo fornecimento de apoio ao processo de aprendizagem do parceiro e (ii) as duplas negociem suas agendas de interação.

A internet: seus recursos e efeitos na língua(gem)

É inegável que as novas tecnologias de informação e comunicação (doravante NTICs) tenham trazido transformações em inúmeros aspectos de nossas vidas.

Neste trabalho, interessam-nos, de maneira específica, as mudanças que se fazem ver na língua(gem). De acordo com Chartier (1997), as diferentes tecnologias de produção/reprodução do texto trouxeram mudanças radicais no que se refere não apenas às estruturas do suporte do texto, mas, também, às maneiras de ler e produzir significado. Também Crystal (2001, 2005) aponta que toda tecnologia de comunicação (imprensa, telefonia, transmissões de rádio e TV, etc.) teve, a seu tempo, um impacto na maneira como as pessoas concebiam e utilizavam a língua, enfatizando que nenhuma dessas tecnologias causou mudanças linguísticas que fossem tão amplas em suas implicações como é o caso da internet.

Nas palavras de Crystal (2005, p. 76), a língua revelada pela comunicação mediada pelo computador (CMC) apresenta características tanto da fala quanto da escrita, mas, ao mesmo tempo, não é exatamente idêntica a nenhuma dessas modalidades, constituindo-se, portanto, numa *terceira modalidade de comunicação*. Isso, segundo o autor, se deve ao fato de que a comunicação é determinada pelo *hardware* utilizado para o acesso à internet e, assim, o meio eletrônico representa um canal que, ao mesmo tempo, facilita e restringe nossa habilidade de comunicação de maneiras que são fundamentalmente diferentes daquelas encontradas em outras situações semióticas, e muitas das expectativas e práticas associadas à língua falada e escrita não se confirmam, enquanto novas opções surgem.

A fim de caracterizar as diferentes situações de uso da internet para a comunicação, Crystal (2001) e Marcuschi (2004) apontam seis possíveis ambientes: (i) ambiente *web*, (ii) ambiente *e-mail*, (iii) foros de discussão assíncrona (*chatgroups* ou bate-papo em grupos, em tempo postergado, por escrito), (iv) ambiente *chat* síncrono (*chatgroups* ou bate-papo em grupos, em tempo real, por escrito), (v) ambiente tipo MUD (ambientes virtuais/jogos onde as pessoas se engajam numa interação social fantasiosa), (vi) ambientes de conferência em áudio e vídeo. Os autores ressaltam que essas situações não são mutuamente exclusivas, podendo haver diferentes combinações entre elas, como é o caso da proposta do TTD, que prevê a possibilidade de utilização de ferramentas de videoconferência associadas àquelas de *chat*.

Faz-se necessário salientar que, segundo Marcuschi (2004) as peculiaridades observadas nas diferentes manifestações do discurso eletrônico nos obrigarão a uma revisão de algumas noções consagradas no que se refere aos gêneros textuais. Essa preocupação se confirma pelos trabalhos de vários autores (ARAÚJO, 2003, 2004, 2007; KOMESU, 2005, entre outros) que discutem os gêneros do discurso emergentes dos diferentes usos que se fazem da internet. Apesar de reconhecer a relevância dessa discussão dentro da área dos estudos linguísticos, o presente

estudo não pretende tratar a questão do uso do *chat* no TTD sob a perspectiva da emergência (ou não) de um novo gênero. Este trabalho, portanto, trata os dados em termos de uma descrição dos aspectos gerais que caracterizam o ambiente de uso da internet chamado *chat*.

De acordo com Crystal (2001), o usuário do ambiente *chat* em “salas de bate-papo” participa de uma conversa contínua, em tempo real, enviando suas contribuições sob um codinome ou apelido (*nickname*), e essas contribuições são inseridas em uma tela que se move permanentemente, junto com as contribuições dos outros participantes. Essa dinâmica sincrônica de interação é responsável pelas principais características da linguagem observada nesse tipo de ambiente, que, como em uma conversação face a face, promove, em seus usuários, uma preocupação com a tomada de turnos.³

No entanto, o autor salienta que, no *chat*, os turnos geralmente não têm uma sequência encadeada, em virtude dos aspectos técnicos que podem influenciar na velocidade de transmissão dos dados. Tais aspectos técnicos provocam o que o autor chama de *lag* – uma *defasagem de tempo* que ocorre entre o ato de escrever e enviar a mensagem e o momento em que a mensagem digitada aparece, de fato, nas telas dos interlocutores. Essa defasagem não permite uma réplica instantânea por parte dos interlocutores e, assim, o tempo gasto para digitar a mensagem, somado ao tempo que a mensagem leva para aparecer nas telas dos interlocutores, pode fazer com que aquele comentário perca a relevância para a discussão. Isso pode explicar o fato de as contribuições serem, em geral, muito curtas – cada turno apresenta algumas poucas palavras – frases simples ou segmentos de frases.

Se traçarmos um paralelo com a comunicação face a face, podemos dizer que o *gesto de enviar* uma mensagem, no ambiente *chat*, seria algo parecido com o que a Fonologia Articulatória chama de *gesto articulatório*, definido por Silva (2003, p. 322) como a “representação de todas as manobras articulatórias necessárias para se realizar um determinado som da fala”. Essa noção torna o gesto de enviar extremamente significativo para nossa análise, ao envolver as manobras necessárias para que a mensagem seja enviada, incluindo-se a digitação (e possível revisão da mensagem) até a ação de pressionar a tecla “enviar”.

Retomando a ideia de que os turnos são geralmente muito curtos nesse tipo de ambiente, cumpre mencionar outra estratégia que, segundo Crystal (2001),

3 - Marcuschi (2004) afirma que, em situações sincrônicas e simultâneas, é possível observar, além da troca de turnos, a sobreposição das produções. O autor, assim, faz uma importante distinção entre sincronicidade (interlocutores operam ao mesmo tempo) e simultaneidade (interlocutores operam ao mesmo tempo e ainda podem ver o processo de produção um do outro, ou seja, podem observar o outro enquanto digita o texto e se corrige).

pode promover uma distribuição rápida e permitir que a conversa apresente uma dinâmica de tempo real – o uso de abreviaturas e elisões. O autor lembra que, no *chat*, o “silêncio” é bastante ambíguo, uma vez que pode refletir uma espera deliberada por parte do participante, desatenção temporária, ou ausência física (sem que tenha sido comunicada aos outros participantes). Fusca (2008), no entanto, afirma que as abreviaturas representam mais do que um recurso para agilizar a digitação e participação na “conversa”. Segundo a autora, a abreviação de palavras na internet transcende os limites da mera redução gráfica de palavras, uma vez que esse processo pode refletir a tentativa, por parte do escrevente, de abreviar tanto a duração temporal do processo de escrita quanto a distância física que o separa de seu interlocutor. A autora aponta que escrevente e leitor compartilham o mesmo tempo de interação, mas não o mesmo espaço físico e, dessa maneira, a abreviação de palavras evidenciaria a necessidade de encurtar distâncias, tornar “a comunicação mais próxima, mais íntima” (FUSCA, 2008, p. 4).

Faz-se necessário ressaltar, ainda, os esforços feitos pelos participantes do ambiente *chat* ao enfrentarem as dificuldades impostas no que diz respeito às questões prosódicas e paralinguísticas, pois se observa o uso repetido de certas letras ou sinais de pontuação (*aaahh!!!!*), uso de maiúsculas para indicar o grito (*SOCORRO*), espaçamento de letras para indicar silabação e ênfase (*lou-cu-ra*), etc. Crystal (2005, p. 85) observa, no entanto, que tais estratégias nem sempre dão conta das expressões faciais, gestos e postura corporal, o que pode explicar o uso de *smileys* ou *emoticons*, “combinações de caracteres do teclado, planejadas para demonstrar uma expressão facial de emoção”. É importante observar que, assim como as abreviaturas, o uso peculiar dos sinais de pontuação para formar os *emoticons* também pode refletir uma tentativa do escrevente de aproximação com seu interlocutor. Como apontado por Fusca (2008), os participantes se comunicam em tempo real, mas se encontram afastados espacialmente, o que os leva a buscar maneiras de promover um ambiente de intimidade por meio dos recursos gráficos.

Os aspectos ora discutidos sobre a linguagem observada em *chats* podem ser explicados, ainda, pelo que Fusca (2008, p. 5) chama de um *acordo tácito* estabelecido entre os usuários desse ambiente. Segundo a autora, tal acordo promove o uso de uma escrita que não tem comprometimento com as normas apregoadas pela instituição escolar tradicional, uma vez que “o imaginário do escrevente a respeito das salas de bate-papo condiciona a emergência dessa prática de escrita (...) alheia àquela ‘tortura prescritiva’ imposta pela produção escrita em bancos escolares”.

Existem, ainda, outros aspectos apontados pelos autores a respeito do ambiente *chat* (ou grupos de bate-papo sincrônico), como as questões de cumprimento e

despedida entre os participantes, entre outros. Essas questões, no entanto, não serão detalhadas, dados os objetivos estabelecidos para este trabalho.

As relações entre fala vs. escrita e a noção de heterogeneidade da escrita

Existem diferentes maneiras de se descreverem as relações entre o oral/falado e o escrito/letrado. Uma dessas maneiras trata essas relações do ponto de vista das diferenças entre as duas modalidades de uso linguístico, rotulando a escrita como o “lugar da norma e do bom uso da língua”, enquanto a fala é considerada o “lugar do erro e do caos” (MARCUSCHI, 2005). Essa distinção pressupõe uma separação definitiva entre práticas sociais caracterizadas pelo uso da escrita e práticas sociais caracterizadas pelo uso da oralidade, e o fato de existirem textos em que se observam características de ambas as práticas constitui-se em um problema, uma interferência indesejável do oral no escrito.

Outros trabalhos (ARAÚJO, 2003, 2007; FUSCA, 2007, 2008; KOMESU, 2005, 2007), no entanto, discutem essa questão de uma perspectiva dialógica, que concebe as relações entre o oral e o escrito como “o trânsito entre as práticas sociais orais e as letradas” (CORRÊA, 2001, p. 137). Com base nessa concepção, Corrêa (*op. cit.*) propõe uma noção ampliada de letramento que considera

o caráter escritural de certas práticas (presente mesmo em comunidades que não tiveram contato com a escrita tal como a conhecemos), que é o caráter de registro, de permanência no tempo, semelhante ao que se atribui à escrita (CORRÊA, 2001, p. 137).

Dessa maneira o autor propõe a existência, nas práticas orais, de um grau de permanência que independe da tecnologia da escrita alfabética, o que permite (i) reconhecer o papel da tradição oral enquanto perpetuadora da memória cultural de um povo e (ii) valorizar saberes funcionais que independem da escrita alfabética (CORRÊA, 2006). Ao ampliar a noção de letramento para além das questões de alfabetização, a proposta de Corrêa amplia também o entendimento das relações que revelam a convivência de marcas linguísticas, tanto do oral quanto do escrito, nos vários eventos discursivos. Decorre daí a noção da heterogeneidade como constitutiva da escrita, descartando as ideias de que fatores externos determinam a presença do oral no escrito ou de que existe um critério de pureza da escrita em relação à fala.

Metodologicamente, Corrêa (1997, 1998, 2001) propõe o reconhecimento da heterogeneidade da escrita por meio da circulação dialógica do escrevente (no

processo de produção de seu texto) em torno de três eixos de representação da escrita: (a) eixo da representação que o escrevente faz da gênese da (sua) escrita, ou o que imagina ser a representação termo a termo da fala pela escrita; (b) eixo da representação que o escrevente faz do código escrito institucionalizado, ou o que imagina ser o código escrito; (c) eixo da dialogia com o já falado/escrito, ou o que imagina ser a relação apropriada com outros textos, com a própria língua, com outros registros, outros enunciados, com o próprio leitor. Em termos linguísticos, o autor define a circulação do escrevente pelos dois primeiros eixos a partir de marcas linguísticas presentes nas várias dimensões da linguagem – marcas prosódicas e/ou lexicais (incluindo marcas gráficas), marcas sintáticas, marcas organizacionais do texto e marcas dos recursos argumentativos utilizados. O terceiro eixo é considerado como móvel de toda circulação do escrevente, pois reconhece (i) que o escrevente transita pelos dois primeiros eixos da mesma forma que dialoga com as variedades linguísticas que caracterizam a heterogeneidade estruturalmente marcada na língua e (ii) a circulação do escrevente como um diálogo com outro enunciatador, com a própria língua, com um registro discursivo com o leitor, com o próprio texto e com outros textos. Ainda segundo Corrêa (*op. cit.*), essa proposta baseia-se na consideração da relação sujeito/linguagem (modo pelo qual o escrevente registra suas marcas linguístico-históricas na escrita), na consideração do processo de produção do texto escrito (e não no julgamento do produto escrito) e na consideração da escrita como um modo de enunciação (e não simplesmente como um código).

Fonologia Prosódica e constituintes prosódicos: a frase entoacional

A Fonologia Prosódica é uma área de estudos definida por Nespor e Vogel (1986, p. 6) como “uma teoria que organiza a cadeia linguística em constituintes que, por sua vez, formam os contextos nos quais as regras fonológicas se aplicam”.⁴ Essa proposta de trabalho trata da constituição da estrutura prosódica e do mapeamento sintaxe-fonologia e tem como papel mais importante o estabelecimento (i) da noção de que a fala é organizada hierarquicamente em constituintes prosódicos que são construídos a partir de informações de outros componentes da gramática, e (ii) dos modelos de análise da relação entre fonologia e os demais módulos da gramática. Cumpre observar que tal relação não é do tipo isomórfica, ou seja, a

4 - Com exceção das traduções de Crystal (2005), as traduções das citações são todas de minha responsabilidade. No original: “a theory that organizes a given string of language into a series of hierarchically arranged phonological constituents that in turn form the contexts within phonological rules apply”.

análise focaliza os constituintes prosódicos construídos, por exemplo, a partir de informações sintáticas, mas esses constituintes prosódicos não correspondem a constituintes sintáticos.

De acordo com Nespôr e Vogel (1986, p. 7), os constituintes prosódicos dispõem-se hierarquicamente da seguinte maneira: sílaba (σ), pé (Σ), palavra fonológica (ω), grupo clítico (C), frase fonológica (φ), frase entoacional (I) e enunciado (U), e os princípios que regulam essa hierarquia são:

- i) cada unidade da hierarquia prosódica é composta de uma ou mais unidades da categoria imediatamente mais baixa;
- ii) cada unidade está exaustivamente contida na unidade imediatamente superior de que faz parte;
- iii) os constituintes são estruturas n-árias;
- iv) a relação de proeminência relativa, que se estabelece entre os nós irmãos, é tal que a um só nó se atribui o valor forte (s) e a todos os demais o valor fraco (w).

Em razão da natureza dos dados que analisaremos, interessa-nos tratar, de maneira mais detalhada, da caracterização da frase entoacional (I). A seção seguinte tratará da apresentação dos dados de *chat*, e, a fim de justificar o detalhamento de apenas um dos constituintes prosódicos, cumpre mencionar nossa hipótese segundo a qual a fragmentação das mensagens observada em nossos dados pode estar relacionada à constituição das frases entoacionais. Mais precisamente, espera-se apresentar evidências de que a fragmentação da mensagem de *chat* (associada ou não a sinais de pontuação) pode ser motivada pela percepção, por parte dos escreventes, do contorno entoacional de seus enunciados.

Desse modo, faz-se necessário caracterizar o constituinte prosódico relevante para nossa análise e, para tanto, assumimos a caracterização das I s conforme a descrição de Nespôr e Vogel (1986, p.188):

a regra básica de formação de I fundamenta-se nas noções de que a frase entoacional é o domínio de um contorno de entoação e que os fins de frases entoacionais coincidem com posições em que pausas podem ser introduzidas na sentença.

Uma frase entoacional se caracteriza, ainda, por agrupar uma ou mais frases fonológicas (φ) com base em informação sintática e, segundo as autoras, além dos fatores sintáticos e semânticos, desempenham um papel importante na formação das I s:

- a) *Comprimento*: a reestruturação de *Is* em constituintes menores ocorre por razões que podem ser fisiológicas (como fôlego) ou por razões relacionadas a cadeias ideais para o processamento linguístico. Parece haver uma tendência em se estabelecer *Is* de um comprimento médio, mais ou menos uniforme (embora não se possa caracterizar qual é precisamente esse comprimento ideal).
- b) *Rapidez da fala*: a rapidez da fala está intimamente ligada ao comprimento – a probabilidade de se fragmentar uma *I* longa aumenta na medida em que ela é enunciada de maneira mais lenta.
- c) *Estilo*: o papel do estilo na reestruturação de uma *I* está relacionado à rapidez da fala, pois um estilo formal normalmente apresenta ritmo de fala mais lento, o que leva à fragmentação em várias *Is* menores.
- d) *Proeminência contrastiva*:⁵ observa-se a reestruturação de uma *I* em razão desse fenômeno quando, com o intuito de auxiliar a interpretação de uma *I*, a proeminência é colocada em alguma expressão que normalmente não a receberia, criando um novo contorno entoacional.

Sobre a constituição das frases entoacionais em língua portuguesa, Tenani (2002) observou, a partir da análise da distribuição de pausas em relação a fronteiras prosódicas controladas,

que (i) há relativamente mais pausas entre constituintes que têm entre si algum tipo de relação sintática ou semântica; e (ii) há adjacência prosódica, isto é, há ausência de pausa, entre constituintes que ou não têm qualquer tipo de relação ou são relativamente longos. (p. 71)

Além das pausas, Tenani (2002) afirma que a constituição das frases entoacionais pode ser motivada por uma mudança de tessitura,⁶ pois, ao delimitar o contínuo da cadeia sonora em unidades entoacionais, as mudanças de tessitura coincidem com o domínio *I*. Vale ressaltar que tal mudança de tessitura entre *Is* é mais comum quando as sentenças apresentam uma relação sintática ou

5 - Tal fenômeno não deve ser confundido com o acento contrastivo que não causa modificação na estrutura de *I*. Para mais detalhes sobre essa questão ou de qualquer outra mencionada nesta seção do trabalho, cf. Nespor e Vogel, 1986, cap. 7.

6 - O termo tessitura é emprestado da música e, na música, trata-se da escala de notas características de um falante, escala que compreende as variações de altura da voz (TENANI, 2002; cap. 2.2.2.2).

semântica que não é expressa por um item lexical (um conectivo, por exemplo). Finalmente, vale mencionar o trabalho de Rogeri e Tenani (2005), segundo o qual, a *percepção de enunciados fonológicos e frases entoacionais* pode ser marcada, na escrita, por sinais de pontuação, como uma tentativa de organizar o discurso.

Apresentação e análise dos dados

Os dados utilizados neste trabalho foram extraídos de um *corpus* de interações no ambiente teletandem via *chat* (*Windows Live Messenger*) entre Carol,⁷ uma brasileira, graduanda em um curso de formação de professores e aprendiz de inglês como LE, e Joe, um estadunidense, estudante universitário em um curso de religião, aprendiz de português como LE. A coleta de dados ocorreu entre agosto 2006 e janeiro de 2007, conforme a agenda negociada pelos participantes. Para a análise deste trabalho, foram considerados apenas os trechos das interações em que os participantes interagiram em português.

É importante lembrar que o projeto Teletandem Brasil prevê o uso de recursos de áudio e vídeo concomitantemente com o uso dos aplicativos de comunicação síncrona por escrito. Para tentar assegurar o acesso dos alunos brasileiros a esses recursos, os dois *campi* da UNESP envolvidos no projeto contam com um laboratório equipado com toda a tecnologia necessária. No entanto, nem todos os participantes estrangeiros têm acesso à mesma tecnologia, levando a variadas combinações de recursos utilizados nas interações. No caso dos participantes deste trabalho, apenas Carol tinha acesso aos recursos de áudio e vídeo e, portanto, os dados foram coletados no ambiente *chat*. Houve apenas uma interação realizada por meio dos recursos de videoconferência (em 21/11/06), a qual foi desconsiderada por problemas no áudio causados pelo programa de gravação.

Dessa maneira, o *corpus* é constituído de doze (12) sessões de TTD no ambiente *chat*, que se distingue dos “grupos de bate-papo sincrônico” por se tratar da interação entre duas pessoas que se encontram regularmente, com hora marcada, a fim aprenderem a língua um do outro. Os participantes utilizam seus próprios nomes e identidades durante as interações e, levando-se em consideração o modo de enunciação escrito e a projeção de imagem que o escrevente faz de seu interlocutor, acreditamos que essa situação apresente características linguístico-discursivas diferentes daquelas em que os participantes não se conhecem e se apresentam por meio de um codinome, como nas salas de bate-papo.

7 - Os nomes dos participantes são fictícios a fim de se preservarem suas identidades.

Com base nessas considerações, neste estudo, observa-se a produção da brasileira, em língua portuguesa e, de maneira mais específica, enfocam-se os momentos em que aspectos prosódicos se mostram em sua escrita. A análise parte das hipóteses de que (i) a fragmentação das mensagens de *chat* e o uso (ou não) dos sinais de pontuação podem estar associados à percepção de um contorno entoacional que delimita uma frase entoacional (*I*) e (ii) o *chat* no teletandem apresenta características peculiares em relação às descrições feitas por outros trabalhos (MARCUSCHI, 2004; ARAÚJO, 2007) da linguagem utilizada em salas de bate-papo.

A fim de se discutirem tais hipóteses, apresentam-se alguns trechos das interações entre Carol e Joe no TTD. O excerto (A) foi retirado da primeira interação:

- (A) Joe por que você é estudar inglês?
 Carol **Eu estudo inglês para ser professora de língua inglesa**
 [a]
 Carol **mas na minha faculdade há a possibilidade do inglês e do espanhol** [b]
 Carol **mas eu escolhi o inglês por ser uma língua muito usada no mundo todo** [c]

No trecho marcado em negrito, observa-se, em primeiro lugar, que nossa unidade de análise é a *mensagem enviada*, ou seja, cada trecho digitado até o ato de pressionar a tecla “enviar”. Admitindo-se que são essas manobras que possibilitam a comunicação nesse ambiente, pode-se dizer que o gesto de enviar seria equivalente ao *gesto articulatório*, na fala. Existem, então, três mensagens enviadas por Carol que representam a fragmentação do conteúdo do que seria uma única unidade de comunicação.⁸ Pode-se notar que os lugares de fragmentação ([a], [b], [c]) parecem refletir a maneira como Carol percebe (i) as pausas que podem existir nos lugares que esta análise interpreta como sendo os limites do constituinte prosódico *I* e (ii) o contorno entoacional característico desse constituinte. Dessa maneira, cada mensagem enviada nesse trecho pode ser caracterizada como uma frase entoacional (*I*), de acordo com a definição de Nespor e Vogel (1986).

Observa-se que as estruturas sintáticas das mensagens enviadas dão sustentação para a análise na medida em que a presença do conectivo “mas” sinaliza uma fronteira sintática relevante para a delimitação de fronteiras de *Is* (cf. TENANI, 2002). Apesar de reconhecer que “mas”, nesse trecho, parece funcionar como um

8 - Segundo Marcuschi (1986), a unidade de comunicação seria um substituto conversacional para frase (expressão de um conteúdo que pode dar-se, mas não necessariamente, numa unidade tipo frase).

organizador da interação e articulador do texto, o que o caracterizaria como um marcador conversacional (cf. MARCUSCHI, 1989), esta análise propõe que o fato de haver uma relação sintática entre as mensagens poderia promover uma mudança na tessitura que coincide com o domínio de *Is*. Além disso, é importante observar que o comprimento das mensagens enviadas é bastante parecido, o que, de acordo com Nespor e Vogel (1986) também é um aspecto que caracteriza a formação de *Is*.

Acredita-se, assim, que a fragmentação do conteúdo da unidade de comunicação em três mensagens enviadas pode ser vista como uma tentativa da escrevente de plasmar a prosódia na escrita, caracterizando o momento em que ela circula pelo que imagina ser a representação termo a termo da sua fala pela escrita. Ainda para discutir essa questão, observa-se o excerto (B), retirado da interação de 5/11/06:

(B) Carol **hum...**
Carol **estávamos falando sobre a minha viagem...** [a]
Carol a **questão é a seguinte...**[b] eu estarei fora quarta e
quinta-feira...[c]
Carol **então poderemos fazer a interação ou na terça, ou na**
sexta...[d]

Nesse excerto, nota-se, assim como no exemplo (A), as mudanças de linha que evidenciam a fragmentação de uma unidade comunicativa em quatro mensagens enviadas. Porém, além das mudanças de linhas, a fragmentação também vem marcada pelo uso de reticências (...). O dicionário eletrônico *Houaiss* descreve como finalidade das reticências “marcar uma pausa no enunciado, podendo indicar omissão de alguma coisa que não se quer revelar, emoção demasiada, insinuação etc.”⁹ Dessa maneira, a posição escolhida para o uso das reticências parece revelar que a escrevente percebe pausas prosódicas no momento da produção de seu texto, as quais esta análise considera como limites de *Is*. Nesse trecho, portanto, observam-se quatro mensagens enviadas e cinco *Is*, uma vez que, em [b], Carol marca uma *I* pelo uso das reticências, sem enviar a mensagem.

Em [a], [c] e [d], as reticências poderiam ser trocadas por um ponto final (.). Segundo o dicionário eletrônico *Houaiss*, o ponto “indica, no final de uma frase, o encerramento de um período, uma pausa acentuada”.¹⁰ Nesses casos, entendemos que a pontuação revela a percepção de tal pausa por parte da escrevente, que, no

9 - Disponível em: <<http://houaiss.uol.com.br/busca.jhtm?verbete=retic%EAncia&stype=k>>. Acesso em: 6 nov. 2007.

10 - Disponível em: <<http://houaiss.uol.com.br/busca.jhtm?verbete=ponto&stype=k>>. Acesso em: 6 nov. 2007.

entanto, não utiliza o ponto final, mas as reticências. Isso talvez se deva ao fato de que esse último sinal de pontuação pode indicar o fluxo de sua mensagem,¹¹ ou seja, informar o interlocutor que o conteúdo da mensagem ainda não se completou e que o turno não foi cedido. Uma evidência disso pode ser observada no caso [b], em que a escrevente utiliza a pontuação sem, no entanto, enviar a mensagem. Nesse caso, as reticências poderiam ser substituídas por dois pontos (:) que, de acordo com o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (versão eletrônica), correspondem, “na escrita, a uma pausa breve da linguagem oral (...) cuja função é preceder uma fala direta, uma citação, uma enumeração, um esclarecimento ou uma síntese do que foi dito antes etc.”.¹²

Dessa maneira, é possível que, em [b], as reticências indiquem a percepção de pausa breve antes de um esclarecimento (*eu estarei fora quarta e quinta-feira...*). Porém, o fato de a escrevente não ter enviado a mensagem pode ser um indício de que, além de perceber uma curva entoacional que caracteriza uma *I*, ela percebe, ainda, a relação de complemento sintático entre as duas frases. A curva entoacional da primeira frase (*a questão é a seguinte...*) poderia ser caracterizada como um contorno suspensivo (cf. ROGERI; TENANI, 2005) que indica a falta de um complemento sintático. Assim, as duas *Is* são enviadas juntas, em uma mesma mensagem, diferente dos casos [a] e [c], nos quais as *Is* são enviadas em mensagens separadas. Dessa maneira, pode-se dizer que as reticências representam uma tentativa de marcar aspectos da fala em sua escrita e evidenciam, assim como o gesto de enviar (a mudança de linha), o trânsito da escrevente por práticas orais e letradas no momento de sua produção escrita.

Além disso, levando-se em consideração a natureza dialógica da linguagem e a circulação da escrevente com o já falado/escrito, pode-se observar, no início da unidade comunicativa, o reconhecimento, por parte da escrevente, de sua relação com o leitor (no caso, interlocutor) e uma tentativa, por meio da expressão “*hum*”, de mostrar que está pensando em algo antes de efetivamente “dizê-lo”. Como a situação de *chat* não permite a imagem dos gestos ou a verbalização dos momentos de hesitação, é possível dizer que se trata de uma representação do que ela faria se estivesse numa conversa face a face e quisesse manter o contato – uma tentativa de expressar que está pensando no que vai dizer e ainda não cedeu o turno. Cumpre observar, ainda, que, a julgar por suas escolhas lexicais (*estávamos falando sobre a minha viagem...*), Carol parece se sentir, de fato, em uma situação de interação

11 - Segundo Dahlet (2006), as reticências de fluxo indicam que o emissor interrompe de maneira provisória ou definitiva sua própria fala.

12 - Disponível em: <<http://houaiss.uol.com.br/busca.jhtm?verbete=dois+pontos&styp=K>>. Acesso em: 6 nov. 2007.

oral. Esse fato, somado aos aspectos discutidos anteriormente, parece permitir caracterizar esses dados como evidências da constituição heterogênea da escrita (assim como da língua), localizando a posição da escrevente em sua representação da gênese da escrita.

No trecho abaixo, destaca-se um exemplo da circulação da escrevente pelo eixo da representação que faz do código escrito institucionalizado. O exemplo (C) é retirado da interação de 17/9/06:

(C) Carol **pelo fato de que esses dados que a gente tá produzindo vão ser usados em pesquisa... lembra que eu te falei no outro dia?**

Carol ***está produzindo**

Joe sim, lembro

Ao reformular o trecho *tá produzindo* / **está produzindo*, Carol mostra sua atitude linguística em relação ao discurso eletrônico, marcando a imagem que faz do código escrito institucionalizado para sua escrita, enquanto formanda em um curso de Licenciatura em Letras. Observa-se que a escrevente parece não considerar “*tá produzindo*” uma opção apropriada para sua produção, ainda que se trate de um ambiente de *chat*. Considerando os objetivos pedagógicos da proposta do TTD, é possível que essa reformulação represente o reconhecimento, por parte de Carol, de que sua produção escrita serve de insumo linguístico ao seu interlocutor (aprendiz de língua portuguesa), levando-a a observar as prescrições estabelecidas para a linguagem escrita escolar e desconsiderando as convenções construídas pelos usuários do ambiente *chat*. Outra evidência dessa hipótese é a baixa frequência do uso de abreviaturas “típicas” do discurso eletrônico, pois alguns poucos exemplos são observados apenas nas últimas interações. O excerto a seguir é retirado da última interação entre Carol e Joe, em 13/1/07, em que se podem observar duas abreviaturas utilizadas por Carol:

(D) Carol **vc vem por sua conta? ou está vendo com algum faculdade ou agência?**

Joe agencia

Joe acho que vai ser mais seguro

Carol **tbm acho... com certeza**

No excerto (D), observa-se um dos poucos momentos em que Carol usa abreviaturas – nesse caso *vc* (você) e *tbm* (também). Além dessa interação, isso ocorre apenas em 5/11/06, na décima primeira interação com Joe. Esse fato parece sugerir que, apesar de Carol conhecer as características do discurso eletrônico,

ela talvez não acredite que sejam adequadas aos propósitos estabelecidos para o contexto teletandem. É possível, conforme aponta Komesu (2006) em seu estudo sobre as representações de alunos de Licenciatura em Letras sobre o internetês, que Carol tenha reservas com relação às características da linguagem da internet em contextos de ensino e aprendizagem, revelando uma visão tradicional de língua. Além disso, não se pode ignorar o fato de que a escrevente, ao disponibilizar seus dados para um projeto de pesquisa, sabe que sua produção será lida pelos pesquisadores do TTD. Isso poderia explicar uma provável preocupação por parte da escrevente com o julgamento dessas pessoas em relação ao uso da linguagem considerada “não padrão” em um contexto que, apesar de virtual, se propõe ao ensino e aprendizagem de línguas.

É importante ressaltar, ainda, que a abreviação de palavras na internet pode ser uma tentativa de aproximação com o outro, conforme aponta Fusca (2008). Nesses dados, as abreviaturas foram utilizadas por Carol apenas em alguns momentos e, principalmente, apenas nas últimas interações. Esse fato parece mostrar que a brasileira marca linguisticamente sua gradual “aproximação” de seu interlocutor, evidenciando uma relação entre as características gráficas da linguagem utilizada e os fatores afetivos envolvidos nas interações virtuais. De forma mais específica, é possível dizer que Carol assume o papel de professora e uma visão de língua tradicional, considerando-se as características usualmente observadas no *chat*.

No que tange a marcas gráficas que evidenciam a preocupação da brasileira com questões afetivas durante as interações, é essencial que se considere o uso de *emoticons* no excerto (E):

(E) Carol **é um estilo mais cômico, que não é comum**
Carol **entende?**
Joe Sim. de acordo
Joe o, concordo
Joe melhor?
Carol **concordo é melhor :)**

Carol usa *emoticons* com mais frequência do que seu parceiro e, em geral, em situações que envolvem o fornecimento de *feedback* sobre alguma questão linguística. É possível que isso aconteça exatamente porque, nas interações em língua portuguesa, ela assume a posição de parceira linguisticamente mais competente, ou professora de português LE, considerando, assim, importante demonstrar graficamente o que é prosódica ou gestualmente impossível.

A análise da fragmentação das mensagens pela escrevente (excertos A e B) evidencia a constituição heterogênea da língua, uma vez que Carol deixa marcas de sua percepção

dos contornos entoacionais de fronteiras de *Is* durante suas interações. No entanto, apesar de perceber sua participação como se estivesse interagindo oralmente (excerto B), a brasileira não parece considerar apropriadas nem as abreviaturas (excertos D), tampouco as variações linguísticas (excerto C) comuns na linguagem do ambiente *chat*.

É importante lembrar que, na época da coleta desses dados, a brasileira era uma professora de línguas em formação, o que explica a imagem que ela parece construir para sua produção escrita, para si mesma e para seu interlocutor durante as interações em TTD. Segundo esse pressuposto, nas interações em língua portuguesa, Carol seria a professora de português como LE, e seu parceiro, um aprendiz de português LE.

Considerações finais

A análise das características linguísticas da comunicação por *chat* no contexto TTD apontou que se pode explicar a fragmentação das mensagens típicas do discurso eletrônico sob a perspectiva da heterogeneidade da escrita, ou seja, pelo reconhecimento de que *existe um texto falado em todo texto escrito* (CORRÊA, 2001). Um aspecto da análise que corrobora esse argumento é a descrição da maneira como Carol procura moldar seu texto aos contornos entoacionais que percebe no momento de sua produção escrita, tanto por meio da fragmentação da unidade de comunicação em pequenas mensagens enviadas, quanto pelo uso de sinais de pontuação (reticências) em lugares interpretados como possíveis fronteiras de *Is*. Observa-se, também, o uso de expressões que funcionam como manutenção do contato e escolhas lexicais. Além disso, algumas das características observadas na análise (ausência de abreviaturas; uso da língua padrão, etc.) podem ser explicadas pelas imagens que Carol construiu para si mesma e para seu parceiro, estabelecendo uma posição enunciativa (aprendiz de ILE e ensinante/professora de PLE) que a levou a manter uma postura tradicional em relação às possibilidades que a natureza heterogênea da língua lhe oferece.

Reflections about the online chat environment language under Teletandem from the writing's heterogeneous nature perspective

Abstract

This paper aims at discussing the characteristics of computer mediated language within a foreign language teaching and learning environment

enabled by the use of synchronic writing resources – chat. The present research is based on (i) theoretical principles about the use of technologies and the teaching-learning of foreign languages in the scope of the *Teletandem Brazil Project: Foreign languages for all – Projeto Teletandem Brasil: línguas estrangeiras para todos* (TELLES, 2005); (ii) studies on the characteristics of the language within chat interactions; (iii) different theoretical perspectives on the relationship between spoken and written language, emphasizing the constitutive heterogeneity of writing perspective (CORRÊA, 1997, 1998, 2001); and (iv) some relevant concepts related to Prosodic Phonology field (NESPOR; VOGEL, 1986). Is being taken as research data, the written production of a Brazilian student (finishing a Licentiate in Literature) interacting with an American student (in Religious Studies) through *Windows Live Messenger*. The data were collected during a five-month period, during which the participants interacted through chat, totalizing 12 interactions in English and in Portuguese. During the analysis, a particular attention was given to the messages' fragmentation, the use (or not) of punctuation signs and abbreviations within the Brazilian participant's production, in order to discuss the representations she built of her writing, her interlocutor, herself and on the teaching-learning process of a foreign language.

Keywords: Written language. Heterogeneity. Chat. Teletandem.

Réflexions sur le langage de conversation en ligne sous Tele-Tandem à partir de la nature hétérogène de l'écriture

Résumé

Le but de ce travail est de discuter les caractéristiques du langage assisté par ordinateur dans le cadre de l'enseignement et l'apprentissage des langues étrangères rendu possible par l'usage de moyens de communication synchrone de façon écrite – discussion en ligne. La présente étude se fonde sur (i) des principes théoriques sur l'emploi de technologies et l'enseignement-apprentissage des langues étrangères dans le cadre du projet *Tele-Tandem Brésil : des langues étrangères pour tous – Teletandem Brasil : línguas estrangeiras para todos* (TELLES, 2005) ; (ii) des études sur les caractéristiques du langage dans les interactions via des discussions en ligne; (iii) différentes perspectives théoriques concernant les relations entre l'oral et l'écrit, en soulignant la perspective de l'hétérogénéité constitutive de l'écriture (CORRÊA, 1997, 1998, 2001); et (iv) quelques concepts pertinents dans le domaine de la Phonologie Prosodique (NESPOR ; VOGEL, 1986). A été repris comme corpus d'analyse la production écrite d'une universitaire brésilienne (terminant une Licence en Lettres) qui interagi avec un universitaire américain (se formant en Études Religieuses) par le biais de *Windows Live Messenger*. Les données furent collectées durant cinq mois, pendant lesquels les étudiant interagissaient

par le biais de discussions en ligne, totalisant 12 interactions en anglais et en portugais. Lors de l'analyse l'accent a été mis sur les interactions en portugais et particulièrement sur la fragmentation des messages, l'usage ou non de ponctuations et d'abréviations dans la production de la participante brésilienne, afin de discuter des représentations qu'elle se fait de son écriture, son interlocuteur, elle-même et sur le processus d'enseignement-apprentissage d'une langue étrangère.

Mots-clés : Langue écrite. Hétérogénéité. Discussion en ligne. Teletandem.

Referências

ARAÚJO, Júlio César Rosa. **Chat na Web**: um estudo de gênero hipertextual. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2003.

ARAÚJO, Júlio César Rosa. A organização constelar do gênero chat. In: JORNADA NACIONAL DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS DO GELNE, 20, 2004, João Pessoa. **Anais...** Disponível em: <http://www.julioaraujo.com/download/organizacao_constelar_do_chat.pdf>. Acesso em: 8 nov. 2007.

ARAÚJO, Júlio César Rosa (Org.). **Internet & Ensino**: novos gêneros, outros desafios. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

BAKHITIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

CHACON, Lourenço. **Ritmo da escrita**: uma organização do heterogêneo da linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro**: do leitor ao navegador. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997.

COLLINS, Heloísa; FERREIRA, Anise (Org.). **Relatos de experiências de ensino e aprendizagem de línguas na Internet**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.

CORRÊA, Manoel Luiz Gonçalves. **O modo heterogêneo de constituição da escrita**. Tese (Doutorado em Linguística). Instituto de Estudos da linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1997.

CORRÊA, Manoel Luiz Gonçalves. A heterogeneidade na constituição da escrita: complexidade enunciativa e paradigma indiciário. In: **Cadernos da FFC**, Marília,

SP: Faculdade de Filosofia e Ciências da UNESP, 1998.

CORRÊA, Manoel Luiz Gonçalves. Letramento e heterogeneidade da escrita no ensino do português. In: SIGNORINI, Inês. (Org.). **Investigando a relação oral/escrito e as teorias do letramento**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2001.

CORRÊA, Manoel Luiz Gonçalves. A escola como espaço de escritas (La escuela como espacio de escrituras – Tradução de A. Martin de Brun) In: **Lenguas Vivas**, n. 6, ago/set, 2006.

CRYSTAL, David. **Language and the internet**. Cambridge: Cambridge Universtiy Press, 2001.

CRYSTAL, David. **A revolução da linguagem**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

DAHLET, Véronique. A pontuação e as culturas da escrita. In: **Filologia e Lingüística Portuguesa**. n. 8, São Paulo: Universidade de São Paulo, FFLCH/USP, 2006.

FREIRE, Maximina Maria. Interaction and silence in online courses. **Revista da ANPOLL**, n. 13, 2003.

FUSCA, Carla Jeanny. **TC CMGO?**: estudo sobre abreviação na internet. Projeto de Iniciação Científica desenvolvido no Departamento de Estudos Lingüísticos e Literários. Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, UNESP. São José do Rio Preto. Orientador: Fabiana Cristina Komesu, 2007.

FUSCA, Carla Jeanny. **TC CMGO?**: estudo sobre abreviação na internet. Relatório final de estágio de Iniciação Científica. Departamento de Estudos Lingüísticos e Literários. Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, UNESP. São José do Rio Preto. Orientador: Fabiana Cristina Komesu, 2008.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, indícios. Morfología e historia**, Barcelona, Gedisa, 1989.

HILGERT, José Gaston. A construção do texto ‘falado’ por escrito: a conversação na internet. In: PRETI, Dino (Org.). **A fala e a escrita em questão**. 2. ed. São Paulo: Humanitas. SFLCH/USP, 2001.

KOMESU, Fabiana. **Entre o público e o privado**: um jogo enunciativo na constituição do escrevente de blogs da internet. Tese (Doutorado em Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, Campinas, 2005.

KOMESU, Fabiana. Visões da língua(gem) em comentários sobre internetês não é língua portuguesa. In: **Filologia e Lingüística Portuguesa**, n. 8, São Paulo: Universidade de São Paulo, FFLCH/USP, 2006.

- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Análise da conversação**. São Paulo: Ática, 1986.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. Marcadores conversacionais do português brasileiro: formas, posições e funções. In: CASTILHO, Ataliba Teixeira de (Org.). **Português culto falado no Brasil**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1989.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. *O papel da lingüística no ensino de línguas*. Recife, PE. Universidade Federal de Pernambuco, 2000. Disponível em: <http://www.marcosbagno.com.br/for_marcuschi.htm>. Acesso em: 9 nov. 2007.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital: definição e funcionalidade. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antônio Carlos (Org.). **Hipertexto e gêneros digitais**: novas formas de construção de sentido. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita**: atividades de retextualização. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2005.
- NESPOR, Marina; VOGEL, Irene. **Prosodic phonology**. Dordrecht-Holland: Foris Publications, 1986.
- NEVES, Maria Helena de Moura. Língua falada, língua escrita e ensino: reflexões em torno do tema. In: URBANO, Hudinilson *et al.* (Org.). **Dino Preti e seus temas**: oralidade, literatura, mídia e ensino. São Paulo: Cortez, 2001.
- ROGERI, Rosana Aparecida; TENANI, Luciani Ester. **Pontuação e heterogeneidade da escrita**: um estudo no ensino fundamental. Congresso de Iniciação Científica da UNESP, 2005.
- SILVA, Adelaide H. P. Pela incorporação de informação fonética aos modelos fonológicos. **Revista Letras**, Curitiba, n. 60. Editora UFPR, 2003.
- SOUZA, Ricardo Augusto. **O “chat” em língua inglesa**: Interações na fronteira da oralidade e da escrita. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada), Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2000.
- SOUZA, Ricardo Augusto. **Aprendizagem de línguas em tandem?** Estudo da telecolaboração através da comunicação mediada pelo computador. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2003.
- TELLES, João Antônio. **Teletandem Brasil** – Línguas estrangeiras para todos. Projeto de pesquisa. Faculdade de Ciências e Letras de Assis (UNESP), 2005. Disponível em: <http://www.teletandembrasil.org/site/docs/TELETANDEM_

BRASIL_completo.pdf>. Acesso em: 28 fev. 2008.

TENANI, Luciani Ester. **Domínios prosódicos no Português do Brasil:** implicações para a prosódia e para a aplicação de processos fonológicos. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.